

**A PREVALÊNCIA DA DOR CRÔNICA EM INDIVÍDUOS RESIDENTES NO
ESTADO DO PARANÁ**

**THE PREVALENCE OF CHRONIC PAIN IN INDIVIDUALS RESIDENT IN THE
STATE OF PARANÁ**

**LA PREVALENCIA DEL DOLOR CRÓNICO EN INDIVIDUOS RESIDENTES EN
EL ESTADO DE PARANÁ**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n6-245>

Data de submissão: 20/05/2025

Data de publicação: 20/06/2025

Gabriela Socolovski

Mestrado em Nanociência e biociênciа, Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná –
UNICENTRO.

E-mail: gabysocolovski@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3455-9289>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4092002177854614>

Letícia Aparecida Portela Klosovski

Mestranda em Nanociência e biociênciа, Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná –
UNICENTRO.

E-mail: gabysocolovski@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6471-5687>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1894242651583121>

Jessika Mehret Fiusa

Doutora no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário.
Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná – UNICENTRO

E-mail: jessikamehret@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1540-5740>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1359688094892956>

Sibele de Andrade Melo Knaut

PhD em ciências biomédicas com opção em reabilitação. Docente no Curso de Fisioterapia da
Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná – UNICENTRO

E-mail: sibelemknaut@unicentro.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3960-041X>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5773116892337620>

Marina Pegoraro Baroni

Doutorado em Fisioterapia, Universidade Cidade de São Paulo – UNICID
Docente do Departamento de Fisioterapia, Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO

E-mail: mbaroni@unicentro.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0597-0690>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1882037531310547>

Rafaela de Almeida Cardoso Goes

Laboratório de Neuroanatomia e Neurofisiologia, Graduanda em Medicina
Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

E-mail: rafaelacardosogoes@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-8568-1678>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7211474882603797>

Rubia Caldas Umburanas

Mestrado em Ciências Biológicas (Biologia Evolutiva) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Doutoranda no Programa de Ciências Farmacêuticas da Universidade Estadual do Centro-Oeste.

E-mail: rubia.ca.um@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4376-214X>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5612561433492878>

Ana Carolina Dorigoni Bini

Doutora em Ciências Farmacêuticas

Instituição: Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)

E-mail: anacarolina@unicentro.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1717-9249>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0402666778625964>

Ivo Ilvan Kerppers

Docente do curso de Fisioterapia da Universidade Estadual do Centro- UNICENTRO , Docente do programa de Mestrado em Nanociências e Biociências - Unicentro. Docente do Programa de

Mestrado em Ciências Veterinárias - Unicentro. Universidade Estadual do Centro-Oeste

(UNICENTRO)

E-mail: ikerppers@unicentro.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5901-4007>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2107257822885032>

RESUMO

Objetivo: O presente estudo objetivou avaliar a prevalência de dor crônica em indivíduos residentes no Paraná, descrevendo os diferentes tipos e características de dor que acometem essa população.

Método: Foi realizado um estudo transversal epidemiológico descritivo, mediante aplicação de um questionário online, para coleta de dados sobre a presença de dor, características sociodemográficas e as características da dor dos respondentes. Os dados foram analisados utilizando o teste de correlação de Spearman e qui-quadrado por meio do software SPSS 21.0 para Windows. **Resultados e discussão:** Participaram 434 indivíduos, com predomínio de mulheres (62%) entre 26 e 34 anos. A prevalência de dor crônica foi de 52,8%. Em termos de escolaridade, 24% tinham ensino superior completo, e 4,1% ensino fundamental incompleto. A prevalência elevada de dor crônica, principalmente em mulheres, reflete dados nacionais e reforça a importância de estratégias para prevenção e tratamento dessa condição, visando melhorias na qualidade de vida.

Palavras-chave: Estudos epidemiológicos. Qualidade de Vida. Fatores Sociodemográficos. Tratamento da dor.

ABSTRACT

Objective: This study aimed to assess the prevalence of chronic pain in individuals living in Paraná, describing the different types and characteristics of pain that affect this population. **Method:** A

descriptive epidemiological cross-sectional study was conducted by applying an online questionnaire to collect data on the presence of pain, sociodemographic characteristics, and the characteristics of the respondents' pain. The data were analyzed using the Spearman correlation test and chi-square using the SPSS 21.0 software for Windows. **Results and discussion:** A total of 434 individuals participated, with a predominance of women (62%) between 26 and 34 years old. The prevalence of chronic pain was 52.8%. In terms of education, 24% had completed higher education, and 4.1% had incomplete elementary education. The high prevalence of chronic pain, especially in women, reflects national data and reinforces the importance of strategies for the prevention and treatment of this condition, aiming at improvements in quality of life.

Keywords: Epidemiological studies. Quality of Life. Sociodemographic Factors. Pain Management.

RESUMEN

Objetivo: Este estudio tuvo como objetivo evaluar la prevalencia del dolor crónico en personas residentes en Paraná, describiendo los diferentes tipos y características del dolor que afectan a esta población. **Método:** Se realizó un estudio epidemiológico descriptivo transversal mediante la aplicación de un cuestionario en línea para recopilar datos sobre la presencia de dolor, las características sociodemográficas y las características del dolor de los encuestados. Los datos se analizaron mediante la prueba de correlación de Spearman y la prueba de chi-cuadrado con el programa SPSS 21.0 para Windows. **Resultados y discusión:** Participaron 434 personas, con predominio de mujeres (62%) de entre 26 y 34 años. La prevalencia del dolor crónico fue del 52,8%. En cuanto a la educación, el 24% tenía educación superior completa y el 4,1% tenía educación primaria incompleta. La alta prevalencia del dolor crónico, especialmente en mujeres, refleja los datos nacionales y refuerza la importancia de las estrategias de prevención y tratamiento de esta afección, con el objetivo de mejorar la calidad de vida.

Palabras clave: Estudios epidemiológicos. Calidad de vida. Factores sociodemográficos. Tratamiento del dolor.

1 INTRODUÇÃO

As doenças crônicas são consideradas umas das maiores adversidades da saúde pública mundial. As estimativas sugerem que 20% dos adultos sofrem de dor globalmente e 10% são diagnosticados com dor crônica a cada ano (IASP. Chronic Pain. 2022). Segundo a Associação Internacional para o Estudo da Dor (IASP), a dor crônica é definida como uma experiência emocional, sensitiva desagradável e com duração maior do que três meses (Ferretti et al., 2018). De etiologia incerta, a dor crônica (DC), geralmente não desaparece com os métodos de tratamento convencionais e é principal causa de incapacidades e inabilidades prolongadas (Dellarozza et al., 2008).

Dentre as explicações dos fenômenos responsáveis pela dor crônica, um dos mais citados na literatura é a sensibilização central, um fenômeno de plasticidade sináptica e aumento da responsividade neuronal nas vias centrais da dor após insultos dolorosos. As citocinas e quimiocinas centrais são neuromoduladores e desempenham um papel suficiente na indução de hiperalgesia e alodínia, cujo aumento sustentado no Sistema Nervoso Central (SNC), provoca dor crônica generalizada de difícil localização. Assim, a sensibilização central também é impulsionada pela neuroinflamação no SNC e periférico, causando dor crônica generalizada (Rocha , 2013).

São escassos os estudos epidemiológicos de dor no Brasil. Porém, esse tipo de pesquisa poderia gerar grande impacto na elaboração de estratégias de prevenção, educação e intervenção da dor. Embora não se tenham dados precisos, é sabida a existência de pacientes acometidos pela dor crônica, os quais precisam ser corretamente diagnosticados, assistidos e avaliados no intuito de efetivar um tratamento abrangendo apoio físico e psicológico (Pereira , 2011).

Os fatores pessoais que podem estar associados à dor crônica são: idade, sexo, consumo de álcool, tabaco, maus hábitos de saúde ou doenças prévias, fatores genéticos, bem como vírus e bactérias. Os aspectos sociais os quais definem o comportamento do indivíduo em relação a sua condição, correspondem à: desemprego, baixo nível socioeconômico e educacional, alto desgaste no trabalho, estado civil e aspectos emocionais, incluindo a solidão, a angústia, o medo e a melancolia (Pereira , 2011; Oliveira, 2010).

Diante desta variedade de fatores que influenciam a percepção da dor crônica em cada indivíduo, o tratamento é caracterizado por programas multidimensionais intervindo sobre características biopsicossociais. No plano biológico, o objetivo é de regular os mecanismos endógenos de controle da dor e a concentração de neurotransmissores (como serotonina, noradrenalina e dopamina). No plano psicológico, pretendem reduzir/controlar a ansiedade, depressão, angústia e incapacidades mentais geradas pela dor crônica. No plano social, contribui a autoestima, a participação social e a produtividade intelectual e física (Santos; Souza; Antes; D'Orsi, 2015).

Desta forma, o objetivo do presente estudo foi conhecer a prevalência de dor crônica no Estado do Paraná, bem como o perfil destes indivíduos. É de fundamental importância o conhecimento desses dados para a implantação de programas efetivos de combate a dor, reduzindo os gastos em saúde em todos os seus aspectos.

2 METODOLOGIA

Realizou-se um estudo caracterizado como uma pesquisa transversal epidemiológica descritiva, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa de Seres Humanos sob o parecer número CAAE:467004621.0.0000.0106. Os dados foram coletados via formulário eletrônico do *Google Forms*, no período de 19/04/2022 a 12/05/2022 e divulgados nas mídias sociais “WhatsApp”, “Facebook” e “Instagram”.

Os participantes foram convidados a participar da pesquisa voluntariamente através de um link do Google Formulários, enviados de forma aleatória a grupos diversos de pessoas e solicitado que enviassem aos seus contatos, onde eram apresentadas as informações sobre o objetivo e o procedimento do estudo. O questionário foi criado pelos autores do trabalho embasado nos questionários WHOQOL *bref* e SF-36, contendo perguntas, distribuídas em duas seções, sendo a primeira etapa compreendia a leitura do termo de consentimento livre e esclarecido e o aceite em participar da pesquisa.

Após o aceite, a próxima etapa da pesquisa compreendia o preenchimento de dados sociodemográficos, com perguntas de múltipla escolha e algumas descriptivas incluindo sexo, idade, estado civil, atividades laborais, renda, escolaridade, raça e região onde mora. Ainda, o participante deveria responder se apresentava dor há mais de três meses. Caso o participante assinalasse que não, automaticamente a pesquisa era encerrada e quando a resposta era sim, dava continuidade ao questionário.

Quando o participante assinalava que possuía dor há mais de três meses, seguia com as perguntas do questionário clínico na qual estavam incluídas perguntas sobre o tipo de dor, quando teve início, se faz uso de medicação, se realizou tratamento fisioterapêutico, em qual parte do corpo a dor se manifestou, qual o tipo de dor, se possui alguma comorbidade, se teve Covid-19, se a dor piora no frio ou quando está nervoso, estressado e ansioso, e se a dor deixa o indivíduo triste, cansado e agoniado.

Caso algum não residente do Paraná ou menor de 18 anos tenha respondido o questionário, este foi automaticamente eliminado do estudo. O participante levou em média de 5 a 7 minutos para

completar o questionário quando existia algum tipo de dor crônica e 1 a 2 minutos nos casos em que havia ausência de queixas de dor.

Os dados descritivos e análises de correlação foram realizados através do teste de qui-quadrado e teste de correlação de Spearman. Os dados foram tratados utilizando o software SPSS 21.0 para Windows.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

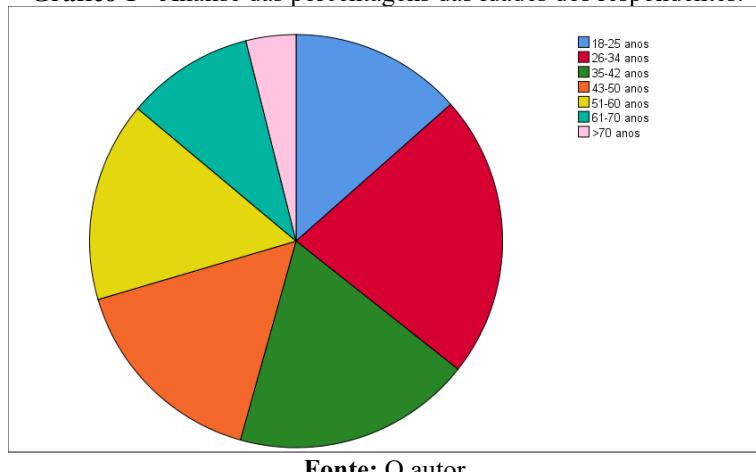
Segundo Oliveira (2010), a dor crônica envolve mecanismos fisiológicos, psicológicos e comportamentais. Não há teste diagnóstico decisivo ou padrão-ouro para a sua constatação. Portanto, o princípio básico na investigação epidemiológica populacional é que a experiência de dor expressada pelo indivíduo deve ser considerada como real.

Quatrocentos e sessenta e seis indivíduos responderam ao questionário eletrônico e aceitaram participar do presente estudo. Destes, 32 foram excluídos por não residirem no estado do Paraná. Assim, 434 indivíduos participaram da pesquisa, com maior prevalência na faixa etária de 26 a 34 anos 29% (N=124).

Setenta e dois por cento (N= 312) dos respondentes era do sexo feminino, corroborando com a literatura científica atual (Castro et al., 2006; Kanematsu et al., 2022). A maior expectativa de vida e a questão hormonal relacionam-se com a maior prevalência de doenças crônico-degenerativas, e consequentemente, de dores e limitação funcional, o que pode justificar esta maior prevalência nas mulheres.

Em relação a escolaridade, 24% (N=104) possuía ensino superior completo, seguido com 20% (N=87) no ensino médio completo e somente 4,1%(N=18) ensino fundamental incompleto. Os dados descritivos das médias de idades encontram-se na Gráfico 1.

Gráfico 1 - Análise das porcentagens das idades dos respondentes.



Dos indivíduos que responderam à pesquisa, 59% possuíam dor no atual momento que respondiam o questionário. Ainda, 52,8% relataram apresentar dor há mais de 3 meses. Ruvirao e Fillipin (2012) realizou um estudo na UBS da cidade de Santa Maria - RS onde 37,8% indivíduos entrevistados (média de idade de 46 anos) possuíam dor crônica. O teste do qui-quadrado revelou uma relação significativa entre a presença de dor crônica e a idade dos participantes ($p<0,001$), sendo a maior prevalência entre jovens adultos de 18 a 42 anos. Embora o *Global Burden of Disease* (GBD) (2021) demonstre consistentemente um aumento na prevalência de dor crônica com o avanço da idade, o presente estudo, em consonância com os achados de Da Silva et al. (2011), sugerem que na faixa etária entre 18 a 29 anos já existe uma relação significativa entre a dor crônica e a idade, o que pode ser explicada pela maior exposição a lesões relacionadas a atividades físicas e laborais, além de possivelmente iniciar as condições degenerativas.

No que se refere às variáveis sociodemográficas categóricas, a maior parte dos respondentes pertencia (71,4%, n=310) à região centro-sul do Paraná, seguido por 19,1% (n=83) da região dos Campos Gerais. Os participantes da amostra eram predominantemente casados (53%, N=230), brancos (85,5%, n=371), com renda de 1 a 3 salários-mínimos (de R\$ 1.100,01 até R\$ 3.300,00) (35,3%, n=153). Embora a maioria dos participantes possuisse ensino superior completo, a concentração na faixa de renda de 1 a 3 salários mínimos sugere que outros fatores, como a precarização do trabalho ou o desemprego, podem estar influenciando a experiência da dor (Rocha et al., 2021). Essa observação se alinha com os dados do GBD (2021), que demonstram uma forte associação entre fatores socioeconômicos e maior prevalência de dor crônica, possivelmente associado a baixos salários e dificuldades financeiras. Esses aspectos favorecem o aumento da percepção da dor e contribuem para disfunções de saúde mental.

Sobre o tipo de dor, 23% (N=82) descreveram que sentem dor em queimação e 21% (N=75) sentem dor em pontada e irradiada, seguido de dor em pressão 19% (N=67). Oitenta e um porcento dos indivíduos (N= 187) faziam uso de algum tipo de medicação para alívio da dor crônica. Sousa et al. (2019) mencionam que pacientes com dor crônica costumam tomar analgésicos prescritos e os que possuíam intensidades de dor mais elevadas, eram direcionados para terapias com opioides por não obterem eficácia no tratamento convencional. O estudo de Audi et al. (2019) analisou o uso de medicamentos dos idosos de São Paulo e entre as medicações usadas para o controle da dor mais citadas foram os analgésicos (26,7%). Essa frequência de uso de medicações analgésica, pode-se dar a hipótese de subtratamento. Pode-se dizer que o alto índice de respondentes que tomam medicações deste estudo é referente à automedicação sendo, comum os pacientes em uso de medicamentos de venda livre para seus episódios dolorosos.

Dos indivíduos que responderam à pesquisa, 59% possuíam dor no atual momento que respondiam o questionário. Ainda, 52,8% relataram apresentar dor há mais de 3 meses. Em relação a gravidade dos sintomas, houve relato de piora quando expostos a temperaturas mais frias, quando estão em maior estado de estresse e após a infecção pelo Covid-19 (Tabela 1).

Tabela 1: Caracterização e análise comparativa dos sintomas em diferentes situações.

Resposta		Feminino	Masculino	Total
Piora com o Frio	Sim	36,1%	17,8%	53,9%
	Não	33,9%	12,2%	46,1%
Piora em situações de estresse	Sim	55,7%	21,7%	77,4%
	Não	14,3%	8,3%	22,6%
Piorou após Covid-19	Sim	14,7%	2,8%	17,5%
	Não	55,4%	27,1%	82,5%

Em relação ao clima, Ruiz e Lacerda (2021) afirmam que os parâmetros meteorológicos realmente influenciam na dor, principalmente em vias de morbidade como hipertensão, diabetes e varizes. Ainda, estes autores afirmam que o risco de dor articular tende a aumentar em 1,87% a cada elevação de 1°C na temperatura e 1,38% a cada elevação de umidade relativa do ar. Da mesma forma, Rossi et al. (2017) concluiu que no inverno ocorreu maior demanda de encaminhamentos de idosos ao serviço de fisioterapia em relação ao verão, com predomínio de mulheres nas duas estações do ano, onde as causas de encaminhamento mais prevalentes foram relacionadas à traumato-ortopedia.

Almeida et al. (2010), realizou um estudo com pacientes esquizofrênicos e verificou-se que preocupação ou nervosismo são os que mais agravam a dor. O estudo de Bedrikow (2008), propôs-se a fazer uma reflexão sobre mulheres com dor osteomuscular crônica decorrente de tendinite, lesão por esforço repetitivo, lombalgia e fibromialgia e os sentimentos mais associados à dor foram depressão, nervosismo, ansiedade, tristeza e desespero.

Outro fator que tornou os pacientes deprimidos, depressivos e consequentemente causou o aumento de dor foi a Covid-19, pois os transtornos de estresse pós-traumático, o desemprego e a perda de entes queridos, potencializaram a dor emocional e social (Freitas et al., 2022). Além disso, o acesso aos serviços de saúde vitais, incluindo serviços de tratamento da dor, foram restritos. No presente estudo, somente 17,5% dos respondentes sentiram piora nas dores crônicas após a Covid-19, talvez esse número seja possível pois para alguns indivíduos a covid-19 apresentou algumas oportunidades como o aumento do tempo com a família, normalização do trabalho flexível e redução da demanda por viagens. A escassez de estudos que abordam esse aspecto inviabiliza mais comparações.

Faller et al. (2016), avaliou a dor e sintomas associados em pacientes com câncer em cuidados paliativos e foi observado que 48,49% deles apresentavam dor em queimação. No presente trabalho, nota-se que a dor em queimação teve a maior porcentagem comparando com as demais (Tabela 2). Uma das principais características da dor neuropática é a sensação de dor em queimação, o que fica de alerta para uma prevalência importante deste tipo de dor nos residentes do Paraná. De fato, Schestatsky (2008) explica o aumento de dor neuropática no futuro, devido ao aumento da sobrevida de pacientes com doenças crônicas associadas a este tipo de dor (câncer, infecção pelo vírus da imunodeficiência humana e diabetes).

Tabela 2: Caracterização de acordo com o tipo da dor.

	N	%
Irradiada	79	17
Martelada	26	5,6
Pontada	79	17
Pressão	72	15,5
Queimação	87	18,7
Outra	36	7,7
Total	462	99,4

Legenda: O mesmo paciente pode ter relatado mais de uma característica da dor.

Dezenove por cento dos participantes ($N= 82$) optaram pela fisioterapia como forma de tratamento e afirmam que obtiveram melhora e que, quando o tratamento foi interrompido, a dor voltou. Dez por cento dos participantes ($N=45$) estavam em tratamento para dor, 4,4% ($N=19$) não obtiveram melhora com a fisioterapia e 19,1% ($N=83$) nunca fizeram fisioterapia como tratamento.

O tratamento fisioterapêutico tem se mostrado eficiente para tratamento de dor crônica. No estudo de Rocha (2021), além de auxiliar na redução da dor, o tratamento fisioterapêutico reduziu a incapacidade provocada pela dor lombar crônica. No estudo de Pontin et al. (2021), a educação em dor aplicada em pacientes com dor crônica musculoesquelética associada à fisioterapia usual apresentou efeitos positivos em relação à representação cognitiva da doença, catastrofização, aspectos físicos e qualidade de vida. Pode-se dizer que a porcentagem dos respondentes que não obtiveram melhora com a fisioterapia é relativamente pequena, talvez por não ter um conhecimento do tratamento exato que receberam, impossibilitando determinar a razão do resultado. Como limitação do estudo, investigações futuras devem analisar a relação entre atividade física e a prevalência e gravidade da dor crônica no Estado e a sua representatividade, uma vez que o número reduzido de respostas obtidas pode comprometer a precisão dos resultados, considerando a população de todo o Paraná.

O trabalho apresentado procurou contribuir para a prevalência de dores crônicas no Paraná onde foi identificada uma alta prevalência de dor crônica no Estado. Em especial, ficou evidente o

quanto a dor crônica acomete não só indivíduos mais idosos, mas principalmente jovens adultos em idade produtiva. Os resultados deste estudo devem contribuir com estratégias preventivas de saúde pública, bem como o incentivo ao acompanhamento da saúde periódico, medidas profiláticas também podem auxiliar a controlar a dor crônica. Este estudo cumpre, portanto o seu papel, no sentido de apresentar a dimensão do fenômeno doloroso em uma determinada população de adultos e de apontar a necessidade de programas de prevenção e controle da dor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JG DE, KURITA GP, BRAGA PE, PIMENTA CA de M. Dor crônica em pacientes esquizofrênicos: prevalência e características. Cad Saude Publica. v. 26, n. 3, p:591-602, 2010

AUDI EG, DELLA ROZA MSG, CABRERA MAS, DOS SANTOS HG, HELEN C, SCARAMAL DA. Estudo SABE: Fatores associados ao uso de medicamentos para controle da dor crônica em idosos. Sci Med (Porto Alegre). v. 29, n.4, p:3425, 2019.

BEDRIKOW R. Dor cronica em mulheres. [Campinas, SP]: Universidade Estadual de Campinas; 2008. Available from: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=454195>

DELLAROZA MSG, FURUYA RK, CABRERA MAS, MATSUO T, TRELHA C, YAMADA KN, et al. Caracterização da dor crônica e métodos analgésicos utilizados por idosos da comunidade. Rev Assoc Med Bras. v. 54, n.1,p:36-41, 2008.

FALLER JW, ZILLY A, MOURA CB DE, BRUSNICKI PH. escala multidimensional na avaliação da dor e sintomas de idosos em cuidados paliativos. Cogitare Enferm. v. 21, n.2, 2016.

FERRETTI F, CASTANHA AC, PADOAN ER, LUTINSKI J, SILVA MR da. Quality of life in the elderly with and without chronic pain. Brazilian J Pain. v. 1, n. 2, 2018.

FREITAS ÉP DA S, LIMA AV DE, AMARAL JAD, MEDEIROS F DE AL, SILVA J DA, MEDEIROS ACT de. Dor crônica e qualidade de vida em idosos em tempos de pandemia de COVID-19. Res Soc Dev. v. 11, n. 10, 2022.

IASP. Chronic Pain. International Association for The Study of Pain. 2022

IHME. Carga Global de Doença 2021: Descobertas do estudo GBD 2021. 2024; KANEMATSU J DOS S, ATANAZIO B, CUNHA BF, CAETANO LP, ARADA DMY. Impacto da dor na qualidade de vida do paciente com dor crônica. Rev Med (São Paulo).v. 101, n. 3, 2022.

MARTHA CASTRO, LUCAS QUARANTINI, CARLA DALTRÔ, DURVAL KRAYCHETTE ÂMS. prevalência de ansiedade, depressão e características clínico – epidemiológicas em pacientes com dor crônica. Rev Baiana Saúde Pública. v. 30, n. 2, p:211-223, 2006.

OLIVEIRA CIFB de. Estudo da atividade antinocepciva de β-amirina, um triterpeno pentacicílico isolado de *Protium heptaphyllum* March. em modelos experimentais de dor. 2010.

PEDRO SCHESTATSKY. Definição, diagnóstico e tratamento da dor neuropática. Rev HCPA. v. 2, n. 3, p:177-187, 2008.

PEREIRA M de F da C. Cuidadores informais de doentes de Alzheimer: sobrecarga física, emocional e social e psicopatologia. 2011.

PONTIN JCB, GIOIA KCS DI, DIAS AS, TERAMATSU CT, MATUTI G DA S, MAFRA ADL. The positives effects of a pain education program on patients with chronic pain: observational study. Brazilian J Pain. v. 4, p:130-135, 2022.

ROCHA ASRM. Catastrofização da Dor e Percepção de Doença em Indivíduos com Dor Crônica. 2013. Available from: <http://hdl.handle.net/10284/3884>

ROCHA JR DE O, KARLOH M, SANTOS ARS DOS, SOUSA TR de. Characterization of biopsychosocial factors of patients with chronic nonspecific low back pain. *Brazilian J Pain.* v. 4, n. 4, 2021.

ROSSI PG, SILVA FARCHE AC, HOTTA ANSAI J, TAKAHASHI AC DE M, ÁVILA MASCARENHAS M. Perfil de idosos admitidos em serviço de fisioterapia frente à sazonalidade. *Sci Med (Porto Alegre).* v. 27, n. 2, p:24994, 2017.

RUIZ JB, MAGNAGNAGNO OA, LACERDA DC. A dor sob influência climática: Prevalência entre parâmetros álgicos e meteorológicos. *Res Soc Dev.* v. 10, n. 8, 2021.

RUVIARO LF, FILIPPIN LI. Prevalência de dor crônica em uma Unidade Básica de Saúde de cidade de médio porte. *Rev Dor.* v. 13, n. 2, p:12-131, 2012.

SANTOS FAA DOS, SOUZA JB DE, ANTES DL, D'ORSI E. Prevalência de dor crônica e sua associação com a situação sociodemográfica e atividade física no lazer em idosos de Florianópolis, Santa Catarina: estudo de base populacional. *Rev Bras Epidemiol.* v. 1, n. 1, p: 234-247, 2015.

SILVA CD DA, FERRAZ GC, SOUZA LAF, CRUZ LVS, STIVAL MM, PEREIRA LV. Prevalência de dor crônica em estudantes universitários de enfermagem. *Texto Context – Enferm.* v. 20, n. 3, p: 519-525, 2011.

SOUZA DF DA S DE, HÄFELE V, SIQUEIRA FV. Dor crônica e nível de atividade física em usuários das unidades básicas de saúde. *Rev Bras Atividade Física Saúde.* v. 24, n. 1, p: 1-10, 2019.